

TEOLOGIA E ECOLOGIA: UMA ÉTICA PARA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL
THEOLOGY AND ECOLOGY: AN ETHICS TO AN ENVIRONMENTAL
PRESERVATION

¹Cassiano Augusto Oliveira da Silva

²Kelly Thaisy Lopes Nascimento

RESUMO

Ao analisarmos as representações do meio natural no contexto social, podemos afirmar que o mundo contemporâneo vem se deparando com sérios problemas decorrentes do processo de concepção de nossa sociedade, quando decorre em dissonância das leis que regem o meio natural, como também, as peculiaridades da essência do ser humano. Nenhuma espécie de ser vivo foi capaz de desenvolver-se ou de evoluir tanto como a espécie humana, mas tal evolução foi acompanhada em passo igual, por um conturbado deslocamento social, político, cultural e tecnológico, considerando a problemática ambiental e a necessidade de se refletir a respeito dos meios que podem ser utilizados para a preservação do meio ambiente. Esta reflexão objetiva-se através da interpelação da teologia, considerar o discurso teológico como meio de corroborar uma construção de uma práxis de preservação do meio ambiente e de seus recursos.

Palavras-chave: Teologia; Meio Ambiente; Ecologia

ABSTRACT

By analyzing the representations of the natural environment in the social context , we can say that the contemporary world is faced with very serious problems arising from the design process of our society , which was erected without the knowledge of the laws governing the natural environment and not taking seriously the peculiarities of the essence of human being. No species of living being was able to develop or evolve as much as the human species, but this evolution was accompanied in equal step, by a messy social , political, cultural and technological displacement, taking into account the environmental problems and the need of reflection about the means that can be used to the preservation of the environment . This reflection comes through the interpellation of theology consider the theological discourse as a means to corroborate a praxis of preserving the environment and its resources .

Keywords: Theology; Environment; Ecology

¹ Graduado em Teologia no Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição (SAPIC)

² Professora da disciplina Eclesiologia IV - Ecumenismo no Curso de Teologia do SAPIC. Mestre em Ciências das Religiões – UFPB.

INTRODUÇÃO

Nesta sociedade identificada como “do conhecimento”, da rapidez da comunicação, muitas coisas tornam-se obsoletas do dia para a noite e certezas éticas seculares passam a ser questionadas pelas inúmeras possibilidades emergentes, de forma contínua, diante dos novos cenários trazidos pela biotecnologia e pela tecnociência. Questionarmo-nos a respeito do que deveria permanecer e mudar? Que deveria e seria saudável alterar? São questões difíceis, que exigem bastante aprendizado referente ao diálogo, de espírito de tolerância e de respeito ao diferente. Tal delineamento considera o alcance de consensos mínimos em relação a questões essenciais, de proteção da vida humana e daquilo que é imprescindível para a manutenção da mesma na terra, como o meio ambiente e os recursos naturais. Portanto, neste diálogo faz-se necessário uma ética, sendo ela ambiental, pois a problemática do meio-ambiente é também um problema moral.

Compreende-se a filosofia moral como um ramo da filosofia que aborda valores em geral e a ética é uma subdivisão da filosofia moral, preocupada com os valores morais e como surge a relação com os valores não-morais. Diante disto poderíamos perguntar qual é o objeto de estudo da ética ambiental.

Esta ética preocupa-se com a conduta dos indivíduos responsáveis com respeito a paisagens naturais, recursos, espécies e organismos não-humanos. O modo próprio de agir dos seres humanos é preocupação direta da filosofia moral como tal. A Ética, no sentido exato, "ambiental" vem incluir em seu escopo perguntas referentes às peculiaridades do meio-ambiente, buscando responder à problemática de como preservá-lo, a fim de garantir o futuro da humanidade.

Esta realidade que urge à nossa porta é a fonte motivadora deste artigo, que vem refletir a respeito de como a teologia vem contribuindo e pode contribuir, mesmo que lentamente, para a preservação do meio natural e dos seus recursos.

Consciência Ambiental para uma Práxis de Preservação

Hoje temos a consciência de que nossa vida e nossa saúde estão intimamente ligadas ao *oikós*, a casa de todos nós, isto é, com a saúde do planeta, e de modo mais particular com o ambiente. O cuidado com a criação, com o meio ambiente, recebe uma atenção toda particular. A ecologia mais do que qualquer outra ciência conclui a natureza como totalidade organizada, diferenciada e única.

A ecologia para Boff (1993, p. 86) pode ser entendida de forma sintética em quatro maneiras. A primeira, a ecologia ambiental, que trata da relação entre ser humano e meio ambiente. A segunda, a ecologia social, que trata da relação entre os seres humanos dentro das relações com o ambiente (a questão do acesso aos recursos naturais, a desigualdade sócio-econômica). A terceira, a ecologia mental, que trata da natureza tal como representada no interior da mente sob forma de energias psíquicas, símbolos, arquétipos e padrões de comportamento.

Para a teologia, a ecologia se apresenta não como um objeto, mas como um desafio. É fato e muito comum que o meio midiático aborda o “ambiental” e o “ecológico” como sinônimos. Entretanto, na ciência o ambiental é relativo ao ambiente; e o ecológico é um pensamento relativo dentro da ciência da biologia. No entanto, seu campo semântico foi ampliado às famosas ecologias de Félix Guattari: o ambiental, a social e a mental.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 2001, p. 36).

A ecologia não pode ficar à margem do desafio do diálogo entre a fé, a razão e as ciências. Pois é neste sóbrio diálogo que cada ciência, inclusive a teologia, deve apresentar suas conclusões e por consequência suas contribuições. Um olhar para o meio ambiente tendo por base uma perspectiva teológica é resultado do estabelecimento de uma premissa hermética que existe uma relação profunda entre o ser humano religioso e o mundo como um todo. Pierre Teilhard de Chardin afirma que “o universo caminha para um ponto final de amadurecimento e perfeita união com a realidade divina”.

Segundo Moltmann (2010, p. 135) o clímax desse uso correto e racional do mundo e da criação carrega em si dimensões escatológicas, onde o eixo da escatologia é deslocado: da projeção ao além-morte para a promessa e o futuro. A comprovação dessa escatologia eminentemente histórica se consolida na medida em que aquela antiga concepção de teologia, tipicamente ascética e a mística carregada de tons cinzentos, devem ser encaradas como uma espécie de sonho que acabou.

Alguns autores utilizam a expressão “ecoteologia” ou “teologia ecológica” para designar o resultado deste proficiente diálogo, que traz elementos novos tanto para a teologia quanto para a ecologia.

O teólogo e ex-frade franciscano Leonardo Boff se constitui como aquele que inspira a ecoteologia e está como que aquele que mais tem refletido sobre a ecologia no contexto teológico na América Latina, ressalta que “só o cuidado garantirá a sustentabilidade do sistema-Terra com todos os seres da comunidade de vida entre os quais se encontra o ser humano. Sua função é a do jardineiro, como se relata no segundo capítulo do Gênesis.” É preciso que se articule “o grito do oprimido com o grito da Terra. O grito do oprimido conheceu uma poderosa reflexão calcada sobre práticas da Libertação.” (BOFF, 2007, p. 93; BOFF, 1996, p. 98).

A teologia ecológica se encontra numa condição muito parecida àquela, a qual viveu a teologia da libertação, há tempos passados, por adotar conceitos radicalmente novos, perguntando pela legitimidade e limite deste uso. “A dessemelhança reside no acento: não mais na práxis libertadora, de cunho eminentemente social, mas na postura ética e na mística que animam a existência” (LIBANIO, MURAD, 1998, p. 135).

O tema da ecoteologia se tornou cada vez mais comum em congressos, seminários e simpósios de teologia, fato promissor que sinaliza existir uma sensibilidade crescente nos meios eclesiais para tal questão. O núcleo da ecoteologia e a unidade da experiência salvífica onde esta envolve: a criação, a história, a encarnação, a redenção e a consumação, sobretudo em um processo de realização, incluindo necessariamente a ecoesfera, a comunidade biótica etc (MURAD, 2009, p. 289).

Assim, a ecoteologia instiga à produção um novo conhecimento, através da superação da fragmentação dos saberes e de uma visão holística, que integra emoção e razão, experiência e contextualização. Por consequência, espiritualidade também é influenciada, pois se a criação é obra das mãos de Deus, com seus processos constitutivos e está fundada na Palavra Criadora do Filho e sustentada pelo Espírito Santo, ela adquire um valor espiritual. Desta forma revaloriza-se a comunhão com o ecossistema e redescobre-se sua dimensão sacramenta.

A ecoteologia vem corroborar à estruturação de um cristianismo atual, coerente e repleto de vida, vida que emana da fé e que produz no coração de homens e mulheres a esperança de

encontrar um fio condutor na relação ao cosmos. A ecoteologia vem compreender que todos os seres estão em Deus e para ele se destinam, pois foram criados pelo Pai, por meio da Palavra (o filho), no Espírito. Este sustenta, renova e leva à consumação a criação. “E contemplar a Deus na história humana e nas relações dos ecossistemas significa viver uma espiritualidade, na qual se supera a dicotomia entre matéria e espírito” (MAÇANEIRO, 2011, p. 94).

A ecoteologia configura-se como um importante instrumento na condução da humanidade a libertação e a libertação do planeta, porque postula em prol da vida e instiga, em nós humanos, uma práxis de transformação social fundamentada numa ética ambiental e na mística que anima a existência humana em relação ao meio natural.

Esta forma de rever a teologia a partir de uma dimensão holística marca um valor inteiro à causa de todos, onde todos são responsáveis uns pelos outros. Assim o fluxo teológico global trata de questões que afetam a todos da casa, a *Oikoumene* que significa a toda a terra.

Uma dimensão holística vem servir à construção de um cristianismo atual, coerente e cheio de vida, boa nova para homens e mulheres desesperançados da (pós-modernidade, em busca de um fio condutor, sedentos por nova forma de focar a posição do ser humano em relação ao cosmos. O fato de o cristão aderir a uma nova mentalidade, compartilhada por grupos não-cristãos ou pós-cristãos, como a “Nova Era”, não faz com que automaticamente esta mentalidade seja rejeitada pela comunidade eclesial. Existem aí “sinais dos tempos”, sementes do Verbo que pedem reconhecimento e valorização. Há que evitar, no entanto, um pretensão neo-universalismo que a tudo dilui e relativiza, esvaziando o conteúdo da proposta de Jesus Cristo, a novidade radical do Evangelho. O cristianismo denuncia sobretudo as novas pretensões de “auto-realização” e o otimismo ingênuo, embutidos na “espiritualidade ecológica” moderna.

O afetar a todos se dá por meio de uma consciência ecológica, de uma formação ética para que o consumir não seja um desafio a justiça social e os direitos do próximo. Se formos orientados, ou melhor, se formos educados a consumir sem exaurir o meio ambiente, se alcançarmos um acordo sobre a “estética do consumo” no mundo pós-industrial, então poderemos propor uma estratégia de educação integrada e permanente para a sustentabilidade do outro mundo possível (CAMPOS, 2008, p. 348).

A teologia vem, com a ecoteologia, desenvolver uma linguagem que combate pela justiça social e pela igualdade, onde numa prática pastoral, realizar-se-á a responsabilidade social ecológica da igreja. O movimento resultando da teologia ecológica é um arquétipo singular de ação religiosa, que propõe uma refutação moral e religiosa para um problema ambiental.

Bíblia, Meio Ambiente e Ecologia

A busca da compreensão de si é algo inato no homem. Este é o único ser vivente que questiona por sua própria natureza e se põe a si mesmo como problema. As narrativas bíblicas da Criação são a principal, dentre as inúmeras formas de compreensão da realidade, para se compreender o real significado do mundo e da relação de interação deste com o homem. Assim o texto sagrado, também, nos permite argumentar diante da realidade de crise ambiental em que o mundo se depara. É numa perspectiva de denúncia e de via de mitigação que este trabalho se enquadra mostrando a importância do diálogo religioso e a partir deste o olhar ético-ambiental. Dentre os conteúdos promovidos pela esperança bíblica temos a terra. “Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.”(Gênesis 12,1).

Habitou Abrão na terra de Canaã e Ló habitou nas cidades da campina, e armou as suas tendas até Sodoma. Ora, eram maus os homens de Sodoma, e grandes pecadores contra o Senhor. E disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente;

Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei (Gênesis 13,12-17)

No livro do Êxodo a terra é reafirmada – “Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu” (Êxodo 3,8)

Também para os profetas a terra liberta permaneceu sendo um dos grandes objetivos da trajetória do povo de Deus. Assim o formula o livro de Miquéias (4,4) – “Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira” (SCHUWANTES, 2009. P. 40).

No novo testamento o conteúdo elementar não é mais diretamente a terra, mas o corpo. “O vosso corpo é templo do Espírito Santo” (1Coríntios 6,19). Este novo referencial é resultado da realidade a que Paulo estava inserido, as personagens não vivem mais no campo, mas nas cidades. Entretanto estes também são alvos da promessa da terra, “bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (Mateus 5,5). E quando Jesus anuncia, em Nazaré, “o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4,19), refere-se, em alusão a tradições do antigo testamento, à libertação da terra. Com isto, não é de se estranhar que as parábolas recorram a experiências de lavradores para configurar o reino. “O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra” (Marcos 4,26). A terra, recurso integrante do meio natural, parte da Criação é, pois, um dos conteúdos preferíveis da esperança bíblica.

Deus é aquele que cria e a Criação não foi uma necessidade de Deus, mas é opus de sua vontade, Ele decide criar e a criação se dá porque Ele dirige sua palavra criadora, ou seja, a Criação é obra da Palavra de Deus. “Disse Deus” e assim se fez e, viu Deus que tudo era bom (Genesis 1,3).

A exclamação “e Deus viu que tudo era bom” é reproduzida em cada dia da criação, descrito no livro do Gênesis. A bondade se faz presente nas obras de Deus, para que as criaturas dentro da diversidade, entoem um canto de louvor. Ser Jardim (pardes ou paradisum) é o sentido do presente e projeto para o futuro da Criação. A Criação é um dom, simbolizado no Éden e que foi entregue ao homem (MAÇANEIRO, 2011, p. 117).

A teologia cristã da criação é uma narrativa trinitária: Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo é compreendido como Criador, numa perspectiva ternária contínua e dinâmica, o Pai tudo cria através de sua Palavra ‘dabar’ equivalente ao Verbo e seu Sopro ‘ruah’ equivalente ao Espírito Santo, professando a fé através da recitação do Símbolo Niceno-constantinopolitano e confessando-a num só Deus “*Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem, Factorem caeli et terrae, Visibílium ómnium et invisibílium.*”; num só Senhor “*Et in unum Dóminum Iesum Christum*”, por quem tudo foi feito; e no Espírito Santo “*Et in Spíritum Sanctum, Dóminum et vivificántem: Qui ex Patre Filióque procedit.*”.

Deus Trino é o Senhor da Criação: No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. (Gênesis 1,1-3); Porque a palavra do Senhor é reta, e todas as suas obras são fiéis (Salmos 33,4); Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca. (Salmos 33,6); Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu. (Salmos 33,9); Envia o teu Espírito, e são criados, e assim renovas a face da terra.

(Salmos 104,30); Com efeito, o Espírito do Senhor enche o universo, e ele, que tem unidas todas as coisas, ouve toda voz (Sabedoria 1,7).

O Salmo 136 resume o louvor ao Deus criador e salvador: o amor de Javé perdura para sempre! Deus que criou os céus, a terra, as águas, os astros (versículos 1-9), libertou o povo da escravidão do Egito (versículos 10-15) e o conduziu pelo deserto (versículos 16-24). Deus cria salvando e salva criando. Todas as coisas foram feitas por meio do Verbo Divino, e sem ele nada do que foi feito se fez (João 1,1-3). Todos são convocados pelo anjo para adorar o Criador “E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” (Apocalipse 14,7).

Deus harmoniza a Criação e exclama que o que fazia era bom – “Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi. E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom.” (Gênesis 1, 6.9-10) E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus. E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom. E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra. E foi a tarde e a manhã, o dia quinto. E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi. E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom (Gênesis 1,20-25).

O texto do capítulo 1º do Gênesis além de narrativo é eminentemente poético, carregado de frases solenes num passo ritmado. Há estrofes, sete ao todo. E inclusive possui refrães: “Foi à tarde e a manhã...”, presente nos versículos 5.8.13.19.23 e 31.

E Deus decide estabelecer uma relação entre criador e criatura e fez o homem - “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.” (Gênesis 1,26) E a criatura ao criar relação com o Criador, é portanto co-criadora. E assim “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto” (Gênesis 1,31)

Na liturgia da Criação a pessoa está integrada ao seu ambiente, configura-se no texto bíblico uma integridade da Criação. O “sujeitar” e o “dominar” animais e terra, em Gênesis 1, nada mais é que administrar, pois o consumo da carne, isto é, a morte do animal no interessa da pessoa, está claramente excluído da alimentação. Esta se restringe às plantas, ao que fora criado no terceiro dia. As pessoas não têm, pois, o direito de lançar mão da vida do que foi criado no quinto (peixes e aves) e no sexto dia (animais).

Deus exorta que o homem é responsável pela permanência da vivacidade do solo – “Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na terra, que eu vos dou, então a terra descansará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos; Porém ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha. O que nascer de si mesmo da tua sega, não colherás, e as uvas da tua separação não vindimarás; ano de descanso será para a terra. Mas os frutos do sábado da terra vos serão por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu diarista, e ao estrangeiro que peregrina contigo; E ao teu gado, e aos teus animais, que estão na tua terra, todo o seu produto será por mantimento. Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos; de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos” (Levítico 25,2-8).

A criação não é algo acabado, pois está aberta ao futuro. Nesta perspectiva, se o povo de Deus mudar suas posturas com relação a Javé e colocar em prática os seus preceitos, algo se transformará também no ambiente. De forma simbólica – e não se trata somente de uma metáfora – os autores bíblicos tem consciência de que os outros seres participam da glória que Deus reserva ao seu povo: “É na alegria que vocês vão sair, e serão conduzidos na paz. Na passagem de vocês, montanhas e colinas explodirão em aclamações, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Isaias 55,12s). Ao homem é dada a responsabilidade de zelar pela criação, e aqueles que a terra destroem, também serão destruídos:

“Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus.” (Apocalipse 7,3). “E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra” (Apocalipse 18,18).

O autor do Apocalipse anuncia que esta esperança já começou a se realizar: “Eu vi um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21,1). O testemunho neotestamentário da criação não está centrado no início do mundo e sim no *querigma* da ressurreição e na pneumatologia. Nelas, o criar de Deus é escatologicamente compreendido como “chamar à vida”, “ressuscitar” e “vivificar”, pois se referem à criação no fim dos tempos, ou seja, a nova criação.

Diante disto, podemos pensar a possibilidade da Criação ser uma ecoliturgia - uma vez que na liturgia expressamos onde, por que e para quê, necessitamos do lugar, do outro e do Criador na espiritualidade. A criação do cosmos é apresentada numa verdadeira inter-relação de sabedoria e celebrações, serviço e práxis e cooperação e responsabilidades. Na criação do mundo foram necessárias quatro coisas: — a ordem, o trabalho, a determinação e a proclamação. A ordem na celebração da trindade, o trabalho como serviço e liturgia, a determinação na palavra anunciada e a proclamação como expressão do serviço. Analisando cada uma das citações bíblicas supramencionadas conseguimos enxergar os quatro elementos necessários para a criação do mundo.

As narrativas bíblicas possuem uma visão aditiva do significado ambiental, assinalando as orientações divinas ao primeiro par: “Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a Terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gênesis 1,28). Os homens deveriam “governar” o mundo sub-humano da mesma maneira amável, terna e fiel com que Deus os rege. Por sabedoria e amor Deus mantém a harmonia da criação.

Às primeiras criaturas viventes, Adão e Eva, Deus entregou um jardim que ele mesmo plantou e deu a orientação ambiental de mantê-lo, cultivando e cuidado (Gênesis 2, 15). Uma norma de proteção, de cuidado, de zelo promulgada pelo próprio Deus não apenas para os limites do jardim, mas para todo o mundo e o resto da criação. Os seres humanos, “imagem e semelhança de Deus” (Genesis 1, 27) são, em certo sentido, guardiões do “jardim”. Deus cria dando liberdade, como a mãe que dá um espaço e tempo aos seus e envolve todo o seu corpo para que outro tenha um espaço (SUSIN, 2003, p.50).

O espaço é inerente ao ser humano. Ele pode ser comparado como parte integrante e extensão corporal. Sua delimitação garante a proteção dos seres e se torna possibilidade de comunicação com os outros seres. As fronteiras permitem o bom trato entre os seres. O limite do espaço de vida de um ser é uma fronteira aberta. Se ela é fechada, o ser vivente morre. Nesse ambiente vital, de comunhão e de comunicação universal não há exclusão, mas condicionamentos recíprocos.

A Criação é um dom, simbolizado no Jardim do Éden e que foi entregue ao homem para cultivá-lo e guardá-lo. Assim se estabelece um pacto, uma aliança, um vínculo de

responsabilidade entre Criador e criatura humana em benefício da vida na terra. A ação ou omissão do homem resultará fidelidade ou infidelidade a esta aliança, já que o criador confiou à humanidade o cuidado das criaturas. Daqui o cuidado ecológico firmará sua importância crescente na teologia e na ética cristã, sobretudo nos últimos tempos de crise ambiental e de escassez dos recursos naturais (MAÇANEIRO, 2011, p. 32) É imperioso repensar criticamente conceitos antigos “natureza”, “criação”, “teologia” e “teologia da criação” para o estabelecimento de uma teologia ecológica e de um redimensionamento de hábitos que enxergue a preservação e o zelo do meio ambiente.

CONCLUSÃO

Trabalhar com a temática ambiental e com a ecoteologia surge de forma desafiadora para compreender um pouco do âmago da teologia ecológica, o lugar que a ecoteologia ocupa na consciência ecológica e quais as contribuições destas como eixo norteador para uma pastoral da ecologia e do meio ambiente.

A priori, uma das dificuldades que sentimos foi a escassez de referenciais teóricos no campo da teologia, além de obras, textos, artigos e documentos eclesiais com recomendações e orientações para o ministério pastoral. Entretanto, tal situação não se configurou como um problema que impossibilitasse a realização deste trabalho. Todavia, foi encontrado algum material de extrema qualidade e até mesmo fragmentos do pensamento da igreja que nos serviu como norte para que pudéssemos adentrar no tema proposto. E não podemos deixar de ressaltar as produções literárias dos grandes pensadores e renomados teólogos brasileiros Leonardo BOFF, João Batista LIBANIO e Afonso Tadeu MURAD, que como foi visto no decorrer de nosso trabalho, ocuparam um espaço relevante no fulcro teórico desta pesquisa.

Da falta de satisfação surgida diante da problemática ambiental dentro do pensar teológico e pastoral nasceu-nos o desejo de realizar a presente pesquisa no campo da ecoteologia. Mui compassadamente, foi se desenvolvendo com a árdua organização do referencial bibliográfico, leituras, releituras, discussões, análises e por fim até a elaboração do artigo.

Abordar a temática ambiental e inseri-la dentro da ação pastoral da igreja é um reencantar-se, um mergulhar num conjunto de valores como o reconhecimento dos bens naturais e de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida; a consciência do limite e consequente preservação da natureza e de seus recursos; a celebração da vida em sintonia com a dinâmica do meio natural; a demarcação da terra como espaço sagrado e lugar hierofânico; atitudes cultivadoras e diaconal que corrige a visão mercantilista dos recursos naturais. Tudo isto configura-se como um discernir de caráter arquetípico e duradouro ornados pelos elementos da espiritualidade – beleza, sentido, reconhecimento, esperança e mistério.

Nesse ínterim, uma pastoral da ecologia e do meio ambiente vem no meio eclesial cumprir uma função pedagógica por buscar situar o ser humano “dentro” e “em relação” com o universo, o planeta, com a Vida. O olhar teológico vem dimensionar o físico e o biológico, o terreno e o sideral, o espacial e o cronológico, ampliando a percepção da realidade e ajudando o ser humano a “dizer-se” no mundo também como elemento da Criação e como Povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, que como toda Criação tem seu cerne na comunhão trinitária.

Deste modo, faz-se indispensável que a solidariedade comum estabeleça, e ainda concretize a comunhão fundante e original. A igreja é o lugar do encontro, é o espaço para a fecunda e necessária união de Deus com a humanidade. O meio ambiente é, portanto, o espaço

sagrado inserido no processo de comunhão que se configura como cenário temporal para realização da mesma.

Uma pastoral da ecologia e do meio ambiente vem fomentar uma consciência ecológica. Grosso modo, vem nos convidar a refletir sobre nossa capacidade de nos compreendermos como parte de um meio com o qual nos relacionamos em interdependência, com o qual trocamos gratuidades, favores e serviços, submetendo tudo isso a uma hierarquia de valores que tudo norteia e a tudo dá significado em vista da mútua realização e perfeição. É tarefa da Igreja e da sociedade a formação para uma reta consciência ambiental, que não signifique mera apropriação da natureza em vista dos próprios interesses, legítimos ou não, ou recusa a uma relação de alteridade sadia e madura por motivo de consciência escrupulosa, que vê culpa em qualquer forma de agir. Tal consciência deve significar, antes de tudo, a compreensão da relação com a natureza como um caminho de amadurecimento e de conquista de uma vida melhor para si, para a comunidade, para as pessoas em geral e para as gerações futuras.

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOFF, L. **Ecologia, mundialização e espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Comunicar-nos com a natureza com compreensão, compaixão e amor**. São Paulo: Agenda Latina América, São Paulo, v. 1, p. 93, 2007.
- CAMPOS, P. C. **Ecologia Humana: O Pressuposto da Ética na preservação do Meio Ambiente. Breve história sobre origens e conceitos do Movimento Ambientalista. Perspectiva Teológica** Belo Horizonte, v. 1, p. 343-375, 2008.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- LIBANIO, J. B. MURAD, A. **Introdução à teologia – perfil, enfoques, tarefas**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MAÇANEIRO, Marcial. **Religiões e ecologia – cosmovisão, valores, tarefas**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MURAD, A. O núcleo da ecoteologia e a unidade da experiência salvífica. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 277-297, jul./dez. 2009.
- SCHWANTES, M. **Projetos de esperança – meditações sobre gênesis 1-11**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SILVA, E. G. da. Religiosidade e meio ambiente: das críticas dos ambientalistas à construção de uma ecoteologia. **Revista Eletrônica Espaço Teológico** ISSN 2177-952x vol. 4, n.6, jun/dez, 2010, pp. 132-140.
- SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus: Deus e Criação**. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Livros básicos de teologia; 5).